

**PATRÍCIA M. DA C. CRIVELLARO**

**CORPO E PODER: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS AO ESTUDO DOS  
MECANISMOS DE CONTROLE SOCIAL**

Monografia apresentada à disciplina Seminário  
de Monografia. Curso de Licenciatura em  
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,  
Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA**

**1996**

**PATRÍCIA M. DA C. CRIVELLARO**

**CORPO E PODER: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS AO ESTUDO DOS  
MECANISMOS DE CONTROLE SOCIAL**

Monografia apresentada à disciplina Seminário  
de Monografia. Curso de Licenciatura em  
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,  
Universidade Federal do Paraná.

**ORIENTADORA: IDELZI TEREZINHA MASSANEIRO**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>iv</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>1</b>
<b>1.2 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>2</b>
<b>1.3 OBJETIVOS.....</b>	<b>3</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>4</b>
<b>2.1 O CORPO NO SISTEMA CAPITALISTA.....</b>	<b>4</b>
<b>2.2 FORMAS DE CONTROLE E MECANISMOS DE PODER.....</b>	<b>7</b>
<b>2.3 VIDA EM SOCIEDADE.....</b>	<b>8</b>
<b>2.4 ESTEREÓTIPOS: UMA PADRONIZAÇÃO NECESSÁRIA.....</b>	<b>9</b>
<b>2.5 INSTITUIÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>10</b>
2.5.1 FAMÍLIA.....	10
2.5.2 ESCOLA.....	11
<b>2.6 CONHECIMENTO CORPORAL.....</b>	<b>12</b>
<b>2.7 CORPO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.8 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.9 LIBERDADE.....</b>	<b>18</b>
<b>3 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>25</b>

## RESUMO

Este trabalho busca entender como que a sociedade faz o controle das pessoas tendo como meio o corpo. A necessidade de trabalhos que analisem a sociedade e suas formas de atuação são muito pouco discutidas dentro da UFPR, é pois, devido a este que fato que este trabalho mostra relevante. Seus objetivos são analisar os meios utilizados para realizar o controle e fornecer material de consulta para profissionais da área. A sociedade se utiliza de três instituições de grande poder, são elas a família, a religião e a escola. É através dela que se dá a reprodução da ideologia dominante. Tal ideologia tem afastado as pessoas do seu auto conhecimento, ao impor padrões de comportamento. A educação, de uma maneira geral, não tem formado indivíduos críticos e sim reprodutores de valores culturalmente impostos. Para que se possa ter um maior controle si mesmo, o indivíduo deve analisar os valores que o cercam e criticá-los, procurando buscar uma superação da lógica existente, a fim de que possam ser mais autônomos e estar próximos de si e do mundo que os cerca. É imprescindível que busquemos diariamente nove liberdade de expressão e, para aqueles que trabalham com a educação, e mais especificamente a educação física, urge-se que desenvolvam uma prática que se volte ao indivíduo como um ser único e original, que tem como objetivo a realização de suas capacidades e potencialidades. Não devem portanto, sufocar seus educandos com padrões e estereótipos de comportamento e desempenho.

# **1 INTRODUÇÃO:**

## **1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA:**

Somos um corpo. Fujo aqui da concepção clássica de corpo, a qual nos diz que “tenho um corpo”. Sendo assim, sou meu corpo e não me conheço, pois como muitos brasileiros sou talhada de minha autoridade sensorial. As pessoas em geral não possuem autoridade sensorial, o que pode ser constatado pelas profissionais que surgiram nos últimos anos: os terapeutas corporais. Temos aí mil e umas terapias: bioenergética, soma, eutonia, ... Sem falar na grande influência de filosofias orientais presentes hoje no mundo ocidental. Pessoas praticando tai-chi-chuan, yoga, biodança, bioenergética e outras práticas orientais buscando sempre um maior contato consigo mesma, com o mundo. Buscando um autoconhecimento, o domínio sobre si mesmo, o contato com a natureza e com toda energia presente no universo.

JOHNSON (1990, p.95) considera esta perda dos sentidos uma consequência do que ele chama de tecnologia da alienação, isto é, aplicação das técnicas que treinam as pessoas para perder a sua autoridade sensorial. Diante desta perda, surgem os especialistas corporais, aqueles que entendem o seu corpo (?!).

“A tecnologia da alienação habitua-nos a sentir uma lacuna entre “eu” e minha carne, entre “mim” e você. Uma vez que somos levados a sentir que não estamos em contato direto com o mundo palpável, entendemos que precisamos de peritos que compreendam este mundo o bastante para nos dizer o que fazer. Sentindo que somos desconectados uns dos outros, precisamos de mediadores externos para resolver nossas inevitáveis disputas”.(JOHNSON, 1990, p. 95)

Esta tecnologia coloca-nos dentro de padrões e não nos enquadramos neste ou naquele padrão porque durante nosso desenvolvimento chegamos a tal padrão, mas porque devemos nos encaixar neste ou naquele padrão. Não construímos um corpo uma vez que ele já está construído.

Sendo assim quais são os motivos que conduzem ao estabelecimento de padrões? Qual a finalidade de enquadrar as pessoas em modelos preestabelecidos?

O homem já fez tantas descobertas, aventura-se por todo o universo. Descobre o Novo Mundo, a Lua e a imensidão azul do planeta Terra, descobre Marte e cogita em vida terrena lá,

fascina-se com o infinito do universo e quer ir cada vez mais longe. Mais longe? Por qual caminho? E se voltar-se para dentro de si, para este mundo pouco explorado, o que descobriria? Não seremos também um mundo infinito e que necessite ser descoberto?

Com base nas leituras realizadas podemos fazer uma série de questionamento. Por que desconhecemos este universo chamado corpo? Quantas vezes permitimos que ele expresse o que quer? Por que aprisionamo-lo? Por que não lhe damos a liberdade de decidir o que deve ser feito? Até onde nos permitimos o prazer corporal? Quais são os motivos que nos fazem tratá-lo como mero objeto?

Diante de todos esses fatos, busca-se saber a maneira como a sociedade controla as pessoas através do corpo.

## **1.2 JUSTIFICATIVA:**

A educação e, mais especificamente a educação física, nos últimos anos têm buscado novas formas de atuação e interpretação do mundo e do homem através de pedagogias. As últimas pedagogias criadas colocam o aluno como centro do processo, buscando incentivar a criatividade e a crítica destes. O aluno é, pois, um ser racional capaz de criar soluções para um problema posto a sua frente de maneira criativa. Busca-se novas respostas, não mais respostas condicionadas, pelo menos na prática. Percebe-se ao analisar as diferentes pedagogias que estas caminham para que os indivíduos sejam pessoas inteligentes, isto é, que pensem de maneira crítica e não que sejam apenas reprodutoras de idéias. Vê-se aí a preocupação para tornar as pessoas mais donas de si e de seus atos, questionando o que lhes é transmitido. Entretanto, tal preocupação parece ficar no papel ou na imaginação das pessoas; são poucas as que realmente querem e buscam tal objetivo, o que pode ser observado nas práticas escolares. Muitas aulas são ainda ministradas baseadas no conteúdo esportes, e estes são transmitidos visando a execução correta dos movimentos. O discurso de que se fala não é o discurso que se aplica.

Ao analisar a sociedade atual percebe-se que as pessoas estão buscando a si mesmas, buscando um maior contato consigo e a natureza e um maior entendimento entre estes. Se isso está acontecendo é porque há uma falta de percepção do eu, da natureza e da relação entre esses dois elementos. Este trabalho busca entender as causas desta falta, visualizando como tal

falta de percepção se dá tentando compreender a sociedade atual e, ao mostrar as causas, encaminhar soluções para que esta falta seja suprida.

Diante destas realidade; da falta de percepção, conhecimento e da preocupação para tornar as pessoas mais autônomas este trabalho foi desenvolvido procurando entender as causas de tais fatos, uma vez que pouco se ouve falar sobre a questão da corporiedade no meio da Educação Física, mais especificamente nos cursos de graduação, embora existam muitos discursos e teorias que buscam colocar o ser humano como centro do seu processo, o discurso estabelecido sobre corpo dono de si é pouco comentado e pensado por poucos profissionais da área. No que diz respeito ao curso de Licenciatura em Educação Física e, neste caso, da Universidade Federal do Paraná, não é dado espaço para tal discussão, e, sendo assim, este trabalho visa pensar sobre este corpo.

É pois analisando a sociedade na sua totalidade e compreendendo a “alienação corporal” existente é que se pode mudar de maneira eficaz a realidade existente fugindo de padrões de comportamento.

Este trabalho é importante na medida em procura analisar as maneiras como o corpo é visto e tratado e, diante destas propor soluções para superar tal mentalidade.

### **1.3 OBJETIVOS:**

Este trabalho tem como objetivos analisar as maneiras e os meios utilizados pela sociedade para controlar os indivíduos com base na literatura pesquisada e fornecer material de consulta para profissionais de Educação Física que, ao desenvolverem seu trabalho, tenham em mente que os seus alunos são pessoas com capacidades, gostos e preferências diferentes e não são meros objetos que devem ser montados a fim de que todos se tornem iguais.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA:

### 2.1 O CORPO NO SISTEMA CAPITALISTA:

Com a expansão do sistema capitalista e o desenvolvimento tecnológico criam-se funções específicas para que a produção adquira índices cada vez maiores. Onde antes um único homem produzia determinado artefato em muitas horas, hoje vários homens produzem um mesmo artefato em questões de segundos graças à dissociação dos movimentos e a padronização e instrumentalização destes. O homem não produz mais para suprir suas necessidades básicas mas para suprir as necessidades do sistema capitalista, ou seja, produz-se o supérfluo para que se consuma, para que se obtenha lucro; a lógica do capitalismo. Os meios de comunicação têm importante papel, pois é por intermédio destes que é possível persuadir as pessoas a comprar gêneros de segunda, terceira, quarta, etc. necessidade, e é também através deles que a ideologia dominante é transmitida.

O corpo então é visto como um instrumento, um mero objeto, o qual pode ser manipulado para que se possa alcançar os objetivos capitalistas. “O capitalismo transforma o *corpo que somos* ( carnal ) em *corpo que temos* ( objeto ), coisificando o indivíduo e reduzindo-o a uma peça que deve cumprir a sua função ( de produtor e consumidor ) dentro da engrenagem.” ( MEDINA, , p. 58 ). Quando nos referimos à *corpo objeto* temos que ter em mente dois corpos: o corpo que produz e o corpo que consome, o que MEDINA expõe claramente em seu artigo **Reflexões para uma política brasileira do corpo**: “( ... ) e este *corpo-objeto* se degenera em *corpo-para-o-consumo* ( classes superiores ) e *corpo-para-a-produção* ( classes inferiores ).” E em relação a este corpo produtor não apenas deseja-se um corpo capaz de fazer o que se quer, mas um corpo que faça de maneira rápida e eficaz. Para que isso aconteça é preciso que se tenha controle sobre os corpos a fim de persuadi-los a fazer o que se quer e como se quer. Para FOUCAULT ( 1987, p. 126 ) um corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado a fim de se obter determinados objetivos é dócil. Ora, para se ter este corpo é imprescindível a utilização de técnicas, métodos que propiciem isto. “Estes métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade - utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’.” ( FOUCAULT, 1987, p.126 ).



Segundo esse autor, a “disciplina aumenta as forças do corpo ( em termos econômicos de utilidade ) e diminui essas mesmas forças ( em termos políticos de obediência ).” Ou seja, agem tornando os homens mais eficientes em questão de utilidade econômica e menos capazes de revoltar-se e oferecer resistência. A disciplina não apenas condiciona os corpos como também aliena-os. Para KRISHNAMURTI ( 1960, p. 144 ) “submetemo-nos às disciplinas a fim de ser o que deveríamos ser, sendo assim, há na disciplina não apenas repressão mas também conformismo, *o estreitar da mente para ajustá-la a certo padrão.*”.

Quando me refiro a corpo não estou apenas considerando apenas a estrutura, mas sim todo o ser humano, pois como disse anteriormente, somos um corpo. E somos manipulados pelas idéias que nos são impostas e as quais, muitas vezes, admitimos como sendo verdadeiras e raramente nos questionamos. Os métodos e técnicas a qual FOUCAULT se refere são aquelas que convencem as pessoas de determinada idéia, comportamento ou atitude e fazem com que essas mesmas pessoas reproduzam a lógica existente. Para transmitir uma idéia de maneira convincente é necessário que quem o faz exerça grande poder sobre as pessoas. A Estado se utiliza de instituições sociais para que sua ideologia seja transmitida e perpetuada, tais instituições seriam a família, a escola e a religião, como cita MEDINA ( 1991, p. 43 ) “Gramsci e depois Althusser chamam as instituições como a família, a Igreja, a escola, etc., de Aparelhos Ideológicos de Estado, e outras como a prisão, a Polícia, as Forças Armadas, etc., de Aparelhos Repressivos de Estado; nada impedindo, contudo, que as instituições repressivas exerçam funções ideológicas e vice-versa.” Estas são indispensáveis em qualquer sociedade e das quais não se faz necessário discorrer sobre sua relevância para nós seres humanos. Tais instituições serão analisadas posteriormente.

Em relação às disciplinas e normas podemos constatar que elas continuam implícitas nos dias de hoje, e são colocadas sutilmente na sociedade, através de mecanismos psicológicos que condicionam as pessoas à ideologia dominante.

No que diz respeito ao desenvolvimento científico e tecnológico, estes trouxeram ao homem um maior conforto e comodidade, possibilitou o prolongamento da vida e o combate às doenças, proporcionou diferentes formas de movimentar-se, expressar-se, comunicar-se. Por outro lado, este mesmo desenvolvimento atinge a minoria da população e novas doenças são detectadas ( doenças psicossomáticas, oriundas do sedentarismo, stress, ... ). Em contrapartida a este desenvolvimento científico podemos constatar que grande parte da

população sofre de doenças advindas das precárias condições de vida. Temos portanto dois corpos, o corpo-burguês e o corpo-marginal.

O corpo-burguês adquire as chamadas doenças do desenvolvimento, doenças da civilização ou ainda doenças hipocinéticas que afetam fundamentalmente os aparelhos circulatório e respiratório, além de afetarem generalizadamente todos os sistemas celulares através das neoplasias. Como é conhecido, com hábitos sedentários e alimentares que favorecem o aparecimento da gordura e obesidade, e com atenção que estimula alguns vícios, torna-se suscetível às doenças como o enfarte, a arteriosclerose, o derrame, o câncer, além de certos distúrbios específicos. (...) Já o corpo marginal adquire as doenças do subdesenvolvimento, ou seja, as doenças infecciosas e parasitárias ( diarreias, verminoses, anemias, etc. ). Em face as condições precárias de vida, caracterizada principalmente pela falta de higiene, de saneamento básico e boa alimentação, está exposto ao nanismo, ao raquitismo e outras doenças que levam, com facilidade, às doenças crônicas e à morte. Devido ainda as suas condições precárias de trabalho, está constantemente sujeito aos acidentes. ( MEDINA, 1991, pp. 97-98 ).

Em oposição à diversidade de novas formas de movimento, a população, de uma maneira geral, tornou-se menos ativa fisicamente. As pessoas movimentam-se muito pouco, no que diz respeito ao seu dia-a-dia, ou mais especificamente, a sua jornada diária de trabalho. Fato esse decorrente da comodidade advinda do avanço tecnológico. A atividade física não formal é praticada por poucos e, poucos são os que a procuram em busca de uma melhor aptidão física e saúde. São motivadores a estética corporal, a desejo de fazer novas amizades, lazer, busca-se também exercícios físicos como uma solução para alguns problemas de saúde.

Se analisarmos o público que pratica exercícios e os profissionais ou não desta área que trabalham com isso, as propagandas que se utilizam do corpo para vender a sua idéia, da moda atual podemos concluir que exercício tornou-se artigo de consumo; vende-se a idéia de corpo saudável através da estética e, com isso, as academias estão entupidas de seres humanos em busca de um corpo bonito, o que pode ser constatado principalmente nos meses em que antecedem o verão. As indústrias de confecções, de alimentação, farmacêutica, editoras, os médicos e outros serviços relacionados ao consumo do corpo lucram milhões ao ano graças ao modelo de corpo bonito estabelecido na nossa sociedade. O importante é praticar-se algum exercício físico, independentemente se esse é prescrito e orientado por profissionais da área. E por que se faz necessário que eles atuem? O importante é o lucro, por isso se explora os professores e é também por isso que se contrata pessoas com anos de prática em determinada

modalidade e sem nenhum embaçamento teórico. Este assunto não é o objetivo deste trabalho, razão pela qual não se fará um aprofundamento.

O próprio ensino da Educação Física não busca que as pessoas compreendam como funciona os seus corpos e por que a atividade física é tão importante nas suas vidas. Justamente o contrário, ela age de tal maneira que apenas transmite aos seus alunos formas padronizadas de se movimentar. E, mesmo assim, não consegue cumprir o seu papel. E é por esse motivo que a educação física é mal vista nas escolas. Qual a sua utilidade? Uma disciplina a mais no currículo? E é também por não cumprir o seu papel que a educação física irá perder seus espaços dentro da escola.

## **2.2 FORMAS DE CONTROLE E MECANISMOS DE PODER:**

Segundo CARDOSO ( 1994, p. 170 ) controla-se o corpo a fim de colocá-lo em acordo com os valores de utilidade e estética vigentes em distintas épocas de nossa civilização. Vivemos em uma cultura de imagens, que possui estereótipos próprios a cada sociedade e os quais se modificam durante os anos.

Constantemente pessoas são educadas, não em busca de sua autogestão, em busca de sua liberdade, mas, ao contrário, as pessoas aprisionam-se e aprisionam as demais em seus próprios corpos a fim de que possam viver em sociedade. “( ... ) uma pessoa pode ser considerada socializada quando abre mão de sua autonomia fisiológica em favor do controle social e quando comporta-se a maior parte do tempo como as outras pessoas, seguindo rotinas culturalmente estabelecidas”( RODRIGUES, 1986, p. 33 ).

O controle social é fundamental para o exercício do poder e, para àqueles que tentam fugir do primeiro, penalidades são impostas, por isso regras e normas são, muitas vezes, obedecidas. “Mas também não é apenas porque temem as penalidades que os indivíduos observam as regras de conduta. Obedecem-nas porque elas interessam às suas sensibilidades, já que, não existindo o indivíduo sem a sociedade, este não pode negá-la sem, ao mesmo ato, negar a si mesmo.”( RODRIGUES, 1986, p. 34). Segundo este autor, toda regra existe para ser obedecida e quebrada. E, se todas as regras fossem obedecidas, o ideal de integração social deixaria de existir no abstrato e conseqüentemente deixaria de ser buscado pelos homens. Por outro lado, não teriam sentido, pois elas existem por oposição ao que inexistente.

FREIRE ( 1993, P. 54 ) analisando os mecanismos de poder coloca que estes “afastam as pessoas de sua auto-regulação, unicidade e originalidade única conduzindo a uma padronização de comportamentos, em que a norma é o sacrifício dos projetos e sonhos individuais para manter a máquina social funcionando”. Ou seja, somos meros reprodutores de gestos; gestos silenciosamente impressos em nossa memória, os quais reproduzimos dentro de padrões de comportamento e estética, ditados pela moral e bons costumes. “Ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos que estão na base da nossa vida social e que, ao mesmo tempo, não estão subordinados diretamente ao corpo.” ( RODRIGUES, 1986, p. 46 )

O homem portanto realiza os desejos da sociedade e não os seus próprios desejos uma vez que deve reprimi-los buscando se enquadrar dentro de comportamentos socialmente esperáveis e tolerados.

### **2.3 VIDA EM SOCIEDADE:**

Para que o ser humano possa viver em sociedade, e este não vive sem ela, é preciso que se estabeleça uma organização para que as pessoas possam viver em conjunto. Essa organização é naturalmente estabelecida, quer seja em sociedades primitivas ou desenvolvidas, em pequenos grupos sociais, na família, na comunidade escolar ou religiosa, em sociedades alternativas, e outras demais formas de grupamento social. Ela é indispensável para que os indivíduos se entendam e possam conviver.

A organização fundamenta-se num conjunto de normas que estipulam, instituem e convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e grupos sobre um terreno comum; (...) Portanto, desde que é fundamentalmente concebida, a sociedade não é simplesmente uma ‘coisa’, mas uma construção do pensamento. As relações sociais envolvem crenças, valores e expectativas tanto quanto interações no espaço e no tempo. A sociedade é uma entidade provida de sentido e significação. (RODRIGUES, 1986, p.10).

As regras e normas de uma sociedade são indispensáveis, pois cada indivíduo é um ser único e original, dotado de idéias próprias e reações diferentes. Se as normas não existissem, se as crenças e valores não existissem, o que seria totalmente impossível pois o homem é um ser racional, as pessoas não viveriam em paz. Conflitos seriam inevitáveis. É como conceber

um sistema rodoviário sem sinalização, como as pessoas se comunicariam se não houvesse uma padronização de sinais, se não houvessem penalidades aos infratores? O trânsito seria um caos, onde ninguém se entende e todos se acham na razão. O mesmo acontece na vida em sociedade; crenças, valores, normas, penalidades devem ser impostas para que todos possam conviver. Não quero dizer com isso que toda crença, todo valor, todo costume deve ser aceito a fim de que se possa conviver com outras pessoas, mas devemos pensar criticamente sobre essas idéias impostas, e elas sempre são impostas pela ideologia dominante, e então discernir; aceitamos como certas e ideais ou então utilizamos de nossas capacidades criativas e buscamos a superação de tais idéias.

## 2.4 ESTEREÓTIPOS: UMA PADRONIZAÇÃO NECESSÁRIA

Fazendo uma análise do corpo na sociedade atual, percebe-se a existência de estereótipos, de modelos preestabelecidos de saúde, educação e disciplina. Este corpo saudável, educado e disciplinado não é fonte de decisões inteligentes, uma vez que é apenas reprodutor de idéias. SILVA (1991, p.6 ) analisando nossa sociedade chega a conclusão de que vivemos em um mundo de imagens, no qual o mais bonito, o mais saudável, aparentemente, tem maiores chances de sucesso. CARDOSO (1994, p.176) coloca que neste mundo “não importa muito o que se é, mas sim, o que você aparenta ser, ou ainda, o que se tem de ser”. “O homem que a educação deve realizar em nós não é o homem tal qual a natureza o faz, mas tal qual a sociedade quer que seja”( RODRIGUES, 1986, p. 22 ).

A sociedade tem como meios de transmitir seus ideais de homem a comunicação. É através deste mecanismo que induz as pessoas a consumirem determinados produtos, condicionarem determinados comportamentos. “A moderna tecnologia, com a possibilidade de produção em massa e com o poderoso mecanismo de comunicação, traz consigo a padronização de gostos e hábitos - a homogeneização dos indivíduos e das consciências - que se revela no comportamento corporal, na concepção e tratamento do corpo”. ( GONÇALVES, 1994, p.28 )

Em *O brasileiro e seu corpo*, MEDINA (1991), relata que qualquer técnica corporal que se apresente apenas como *modelo*, tende à *alienação*, pois deixa de lado o manancial

criativo da práxis, fator fundamental do desenvolvimento humano e igualmente importante à criticidade necessária à formação de uma sociedade livre e desreprimida.

## **2.5 INSTITUIÇÕES SOCIAIS:**

Aqui, faremos uma rápida análise de duas grandes instituições sociais; a família e a escola. Não será tratada neste trabalho a instituição religiosa, mas deve-se ter em mente que esta exerce grande influência sobre as pessoas, principalmente no que diz respeito aos seus desejos, através da disciplina religiosa que prega o controle físico dos corpos.

### **2.5.1 FAMÍLIA:**

A família é uma das mais importantes instituições sociais. É através dela que a ideologia é transmitida e consolidada.

Um dos instrumentos mais poderosos de controle é o amor. É através dele que a submissão é possível. FREIRE ( 1993, p.24 ) durante seus estudos coloca que

“ainda na infância, convivemos com relações que misturam amor e carinho com chantagem e autoritarismo, limitando e condicionando nossos gostos, preferências e escolhas. O medo de perder o amor dos pais faz da criança uma vítima indefesa sem condições de reagir, a não ser conformar-se e submeter-se. Essa educação é reforçada pela escola e se estende as outras relações sociais, havendo sempre algum tipo de controle e regulação interna”.

A família oferece segurança, é porto seguro. Entretanto, para se usufruir disso é necessário que se entre no sistema, ou seja, que se aceite as regras impostas. Ao tentar buscar coisas diferentes o indivíduo abre mão dessa segurança em troca do que ele acha certo, ele corre o risco de perder a segurança em troca da liberdade. Para STEVES ( , p.67),

a grande glória da sociedade burguesa, das instituições sociais em geral, é a sua oferta de segurança, por um lado e, por outro, nos leva ao medo à liberdade. Elas fazem isso sem impor necessariamente um cerco ou repressão ostensiva. Acabamos sentindo medo diante do que é novo, daquilo que é criar e de satisfazer necessidades originais. Assim, ficamos sempre com receio da desobediência social. É um receio já

interiorizado, porque estabelecemos a necessidade de viver segundo àquelas normas, segundo as instituições, como a família.

### A família

(...) treina, socializa o indivíduo para aceitação incondicional do poder do estado. Em princípio somos levados a concluir sobre a necessidade de uma autoridade paterna para o funcionamento da família, e a sociedade quase não dá margem para o questionamento desse autoritarismo. Através dessa socialização para a submissão à autoridade acabamos aceitando o poder do Estado como necessário à organização social. No fundo, trata-se de criar nas pessoas, desde a primeira infância, uma predisposição para aceitar passivamente o poder. Ele se transforma num valor - a ideologia procura justificá-lo pela sua racionalidade - necessário porque organiza, hierarquiza, aumenta a eficiência.” ( STEVES, , p. 54 )

Então deixamos que as instituições sociais digam o que fazer, como fazer e nem sequer questionamos se o que se é estabelecido é correto ou não. Entramos na lógica do sistema sem nos darmos conta.

### 2.5.2 ESCOLA:

A escola é instituição social. É aparelho ideológico do estado e também controlador. A escola é local de reprodução e, ao mesmo tempo, é espaço onde se pode lutar por transformações sociais.

O conhecimento é transmitido de forma acrítica e fragmentada; fragmentada uma vez que estes são transmitidos por diversas disciplinas e a relação entre estas é quase nula, acrítica pois a transmissão dos conhecimentos visa à memorização, à acumulação dos conhecimentos. Para se avaliar utiliza-se a mensuração, destacando-se o aluno que possui um potencial maior de memória. Avaliado determinado assunto, passa-se para outro, quer tenha ou não ligação com o anterior, e as falhas existentes continuam, não se busca sanar as dúvidas relativas ao conhecimento anteriormente transmitido. Assim todo o conteúdo é transmitido. Ao aluno não é ensinada a faculdade de pensar, mas de memorizar.

“A aprendizagem de conteúdos é uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência do aluno ficar sem movimentar-se, mas, sobretudo, pelas características dos

conteúdos e métodos de ensino, que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa com seu corpo.” ( GONÇALVES, 1994, p.34 )

A própria educação física não foge do controle corporal, as aulas não são momentos de expressão corporal e experimentação de outras formas de movimento, geralmente são constituídas de movimentos preestabelecidos pelo professor. Prevalece o desporto na escola, as regras são previamente estabelecidas sem dar chance a questionamentos aqueles aos que possuem melhor aptidão física. Impõe-se ao corpo modelos de movimento e estabelece-se níveis de rendimento, aos quais notas são atribuídas.

## **2.6 CONHECIMENTO CORPORAL:**

É através do seu corpo que a criança conhece e reconhece o mundo no qual vive. É através do corpo que ela reconhece o outro, o mundo no qual está inserida, reconhece e conhece a si mesma. É a sua experiência corporal, seus movimentos que a conduzem a um entendimento de que ela está separada do outro e do mundo, que ela é um ser individual. Movimentando-se, percebendo seu corpo, os desejos e sensações, as capacidades e limites deste corpo é que a criança conhece a si própria e, quanto maior é este conhecimento mais possibilidades tem de se adaptar ao mundo, transformá-lo quando possível e modificar-se segundo as exigências do meio. “A pessoa experiencia a realidade do mundo somente por meio do seu corpo. O meio exterior lhe provoca impressões porque se manifesta sobre seu corpo e afeta seus sentidos. Em troca, a pessoa reage à estimulação agindo sobre o meio ambiente.” ( LOWEN, 1979, p. 19 )

Durante a infância e adolescência o ser humano tem um grande desenvolvimento e é neste período da vida em que ele começa a se conhecer, visto que nestes períodos ocorrem grandes transformações, quer sejam psicológicas, biológicas ou sociológicas. Esta é a fase das descobertas, na qual tudo é novo e fascinante. Porém, esta fase deixa de ter grandes transformações. Aí entra-se no mundo das obrigações. Parece então que nada há mais para ser desenvolvido, exceto as habilidades que nos permitem recursos para nos manter vivos. O corpo está completo. Tudo que se tinha para saber já se sabe. Voltamos agora nossas atenções para outras coisas. E só lembramos que somos um corpo quando este adoece, ou quando não corresponde ao que a sociedade quer, quando não se encaixa nos padrões corporais.



Podemos observar que nas sociedades mais simples o homem depende dos seus sentidos, da agilidade e rapidez dos seus movimentos para sobreviver. É através do seu corpo que ele expressa os grandes acontecimentos, quer seja por meio da pintura corporal, tatuagem, danças e rituais. Nas sociedades mais estruturadas observa-se uma menor espontaneidade e expressividade corporal e maior instrumentalização do corpo, fato decorrente da importância dada ao pensamento racional e não ao intuitivo, ao sentimento, e também às normas estabelecidas em relação ao corpo e às práticas corporais. “A negação do corpo pela razão iluminista trouxe consigo a perda da acuidade sensorial e a diminuição da capacidade de memória. “À oposição entre o mundo do corpo e o mundo dos fins racionais caminha paralelamente a eliminação da vivência subjetiva da corporalidade”. ( GONÇALVES, 1994, pp. 27-28 ).

O corpo é, portanto, local de conhecimento, através das sensações internas e externas a ele o ser humano se percebe e percebe o mundo. Quanto mais ricas forem as experiências com o seu corpo e com o mundo em que vive, mais compreensão se tem dos mesmos. Maior é a criatividade, no sentido de originalidade, e maior é também a adaptação deste ser no mundo, suas relações são satisfatórias no momento em que compreende suas reais necessidades e desejos e busca a realização destas no meio em que vive, adaptando-se a ele ou superando os limites impostos pelo mesmo.

## **2.7 CORPO:**

Durante toda a história da humanidade significados diferentes são dados ao corpo. Vamos aqui falar rapidamente sobre estas concepções de corporalidade. Primeiramente negava-se o corpo e valorizava-se o espírito, a fim de que a ordem social e religiosa se mantivesse. Posteriormente, afirmava-se o corpo enquanto entidade biológica e psicológica, colocando o espírito como autônomo e superior. Enfim, afirmou-se o homem como sendo um ser total e todos os discursos apontam para uma visão global do ser humano, uma visão holística. Portanto, onde antes tínhamos um ser humano fragmentado que era um corpo inferiorizado, temos agora um discurso que nos fala de um humano como ser total que não pode ser considerado em partes. Após alguns movimentos sociais fez-se uma redescoberta do

corpo. O movimento *hippie*, ecológico, o movimento feminista e, atrelado a este, manifestações de grupos discriminados, como os negros e os homossexuais. Tais movimentos pregam o corpo enquanto fonte de prazer; buscam a liberação e realização de seus desejos.

(...) o movimento hippie revela uma forte resistência à imposição do corpo a serviço das Forças armadas, da competição e da produção industrial, e clama por um corpo como espaço de prazer e local de encontros e trocas. (...) Esta revolução sócio-cultural fez do corpo seu campo de luta, contestando o corpo produtivo, o corpo obediente, o corpo eficiente a serviço da competição e da violência, da mesma forma que contestou o corpo higiênico e funcional da ginástica e do esporte, entendendo que esse corpos servem, e muito, para manter a ordem social estabelecida. (...) Com o movimento ecológico surgiu o desejo de recolocar o corpo na ordem natural das coisas, numa possível harmonia com a natureza e a cultura, como também o de excluí-lo do mundo do ter e o de situá-lo no mundo do ser, tendo como bandeira de luta o respeito pela natureza como protótipo do respeito pelo homem e pelo seu corpo. (...) O movimento feminista carregou para si o surgimento de um corpo sensorial, fonte de emoções e sentimentos, reservatório inesgotável da fantasia. (BRUEL, 1990. pp. 12-13).

E é esse interesse pelo corpo livre para expressar o que ele quer ser que o tem colocado no centro das atenções. Discursos são proferidos em defesa de um corpo liberto, saudável, jovem, que coloca o homem em busca da qualidade de vida. E é esse interesse pelo corpo que a sociedade capitalista se utiliza para obter mais lucros. Ela se apropria deste discurso de corpo saudável e coloca ele como fator importante que deve ser buscado e, dessa maneira movimenta milhões e milhões de reais todos os anos, o tempo todo, envolvendo diferentes setores da sociedade. Editoras de revistas e livros, academias, confecções, indústria de cosméticos, indústria alimentícia e farmacêutica, profissionais da saúde e outros têm lucrado muito com essa fúria humana para conseguir um corpo dito “saudável”. As pessoas tornam-se consumidoras vorazes de produtos com o objetivo de se enquadrar nos padrões. Consumidoras obstinadas que se submetem as mais loucas maneiras para se ter um corpo aparentemente saudável.

Antes o objetivo do corpo era a sua utilidade, onde o indivíduo deveria ter um corpo para servir, agora temos o indivíduo a serviço do corpo.

(...) no modo de produção capitalista não há uma dinâmica social centrada na marcação dos corpos, assim como tudo aquilo que se nos apresenta como elemento de limitação ou determinação social é tido como ameaçador e obstáculo ao livre desenvolvimento e à movimentação dos indivíduos. Em lugar de

uma codificação estrita do corpo social e individual, abre-se um fluxo de desejos livres, igualitários e diferenciais. A sociedade de consumo não suporta a norma restritiva. Busca excluir toda e qualquer referência a limites, aplicando ao corpo o princípio geral da propriedade privada. Dessa forma, abre-se um processo de produção de toda uma série de estratégias, práticas e discursos que exercitam em cada indivíduo os cuidados de si mesmo. Os mergulhos no autoconhecimento e o aprimoramento do corpo representam as motivações básicas que impulsionam o comportamento na sociedade industrial. Na sociedade moderna, o corpo, além de estar alocado como força produtiva, também ocupa lugar fundamental como elemento produtor de saúde. Isso encontra reflexo no plano ético, traduzindo-se numa servidão do indivíduo ao próprio corpo. ( LUCERO *in* ROMERO, 1995, p.50 ).

O corpo revela nitidamente toda uma estrutura social, analisando o modo como uma pessoa se veste, anda, senta, se comporta podemos ter uma idéia de alguns valores sobre os quais ela foi educada. KOFES ( 1985, p. 52 ) no livro **Conversando sobre o corpo**, de BRUHNS, coloca que “o corpo é expressão da cultura”. RODRIGUES ( 1986, p. 137 ) diz que “sem que os homens o saibam expressamente, ao pensar o corpo estão pensando a estrutura social e, ao defendê-lo, estão defendendo a ordem social.”.

É portanto imprescindível que as pessoas tenham um conhecimento corporal, uma consciência de si mesmas para que possam comandar as suas vidas de uma maneira consciente, não submetendo-se à normas e valores, impossibilitando dessa maneira o seu desenvolvimento total, permitindo às mesmas uma compreensão da sociedade, capacidade de criticá-la e buscar alternativas, soluções, superações desta sociedade. E, desta mesma maneira, terão as suas relações mais satisfatórias e menos angustiantes. As diferenças não serão pois motivos de exclusão. Os limites não devem ser apenas obedecidos, mas questionados e ampliados quanto eles impedem que as pessoas expressem o que realmente são, desenvolvam suas potencialidades e realizem seus desejos.

## **2.8 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA:**

A escola, enquanto aparelho ideológico do estado aliena as pessoas, distancia-as da sua realidade enquanto fenômeno natural e da sua relação com a natureza.

Não há, em nossas escolas ou em outros meios educacionais, um processo pedagógico que desenvolva a consciência corporal no mundo concreto. Não me refiro aqui às prevenções quanto à higiene pessoal ou orientação sexual apenas. Refiro-me, também, às condições que a grande maioria da população é submetida. Refiro-me às prevenções para manter uma vida digna, como por exemplo: assimilar uma atitude de recusa no uso de transporte sem segurança, no consumo de mercadorias baratas mas deterioradas, nos tratamentos displicentes da saúde pública, etc. É preciso que se conquiste o direito de dizer NÃO!. Enquanto isso, predomina a pedagogia da cumplicidade entre o causador do dano e o danado. ( LOPES, 1993, p.15 )

A educação física está atrelada ainda a antigas concepções de corporeidade. A sua prática resume-se, salvo raras exceções, à transmissão de movimentos padronizados, de regras de jogos estabelecidas de fora da escola, de regras que não são analisadas pelos alunos mas que devem apenas obedecê-las. A educação física não é espaço para o aprendizado sobre o corpo mas sim um aprendizado do corpo. Na escola não aprendemos sobre o corpo mas nos é ensinado como controlar este corpo, negando desejos naturais.

A escola nega o movimento humano e a criança em movimento na medida em que, para a sociedade ela significa: ordem, disciplina, crianças sentadas em silêncio, hora para levantar, hora para perguntar, hora para ouvir, hora para se emocionar, hora para brincar, hora para obedecer... Ora, a criança por si é um ser que age por inteiro, com todos os sentidos, sem dar preferência a um ou outro sentido. O adulto, e principalmente a escola, é que determina o que ela deve ouvir e ver, mas não tatear, cheirar, perceber o gosto, o tamanho, a espessura das coisas. Assim, os demais gestos do seu corpo passam a ser reprimidos, até atingir uma grande inibição e auto-repressão. Com isso a criança passa a sentir vergonha de abraçar. De sorrir, de tocar o outro, enfim, de se comunicar com seu corpo inteiro. É justamente esta carência de necessidade que provoca um desequilíbrio na percepção corporal, na percepção do outro e da natureza, enrijecendo o corpo e estabelecendo as couraças musculares. ( BRUEL, 1990, p. 14 ).

A prática escolar parece estar distante do que a sociedade propõe; a escola privilegia o intelecto esquecendo-se do corpo, enquanto que a sociedade tem as suas atenções cada vez mais voltadas para o corpo. A escola deve buscar caminhos para tornar o corpo agente e não passivo dentro da escola, uma vez que entende-se que nos expressamos através do nosso corpo não devemos pois deixá-lo em segundo plano colocando a linguagem como expressão única do ser humano. Assim, todas as regras serão criadas pela necessidade que surge do próprio meio, e não previamente estabelecidas. “E as questões referentes à ‘disciplina’ e à

‘ordem’ tornam-se necessidades do próprio grupo e podem emergir dele, na qualidade de condições que permitam garantir o processo de investigação.” ( CARLINI, 1995, p. 58 ).

A escola ao ser espaço de reprodução e, ao mesmo tempo, espaço para mudanças sociais, embora esteja bastante atrelada à ideologia, a questão que viabiliza as pessoas a terem um entendimento da sociedade parece bastante distante do universo escolar. O discurso histórico-crítico pouco se viabiliza dentro da escola e os alunos continuam a serem educados de acordo com antigos métodos, com antigas visões de corporiedade. Ao corpo só lhe é dado o direito de se movimentar nas aulas de educação física e no recreio, sendo que nas primeiras é condicionado a determinadas práticas, as quais sabemos muitas vezes resumem-se no esporte.

A educação física deve viabilizar um maior contato das pessoas consigo mesmas, nas suas possibilidades de movimentar-se, de expressar-se, e, principalmente conhecer seu próprio corpo. Não enquadrando as pessoas em determinados padrões, mas sempre permitindo que elas se expressem de acordo com as suas possibilidades. Que elas se percebam como seres no mundo e com o mundo.

Esta disciplina deve viabilizar esse contato consigo mesmo por meio da experiência corporal, permitindo assim que os educandos sintam seu corpo, experienciem as diferentes possibilidades de se movimentar de acordo com suas vontades, e percebam as necessidades e desejos deste corpo, conduzindo-os para uma busca do prazer. Devem compreender entretanto que essa busca pelo prazer não se dá de maneira isolada, isto é, individual, esta busca pelo prazer está diretamente relacionada com os limites impostos por determinada sociedade. O prazer deve ser buscado dentro destes limites, sendo que estes podem ser ampliados, quando negam aos indivíduos suas necessidades. A busca pelo prazer portanto ocorre a nível individual e coletivo e ela se dá muitas vezes, pela superação de limites.

Entende-se que a aproximação deste corpo liberado deve se dar na superação dos limites impostos pela sociedade, através da compreensão do corpo e corporalidade, o que pode ser efetizado pela escola. Esta aproximação não deve ser limitada à legislação de ensino ou discurso educacional, nem ser unicamente baseada em experiências realizadas em outros lugares, em tempos diferentes, “ela deverá ser gestada no interior da escola, através do trabalho de reflexão sistematizada de educadores, educandos e equipe escolar, no sentido de superação da alienação imposta, que permanece por tanto tempo, que permanece de forma

proposital ou ‘acidental’, acerca da corporalidade do homem e da promoção de alterações substanciais na prática pedagógica.”. ( CARLINI, 1995, 56 ).

## 2.9 LIBERDADE:

Antes de qualquer coisa vamos definir o que seja liberdade. Segundo o dicionário Aurélio ( p. 835 ) “é o poder de agir, no meio de uma sociedade organizada segundo a própria determinação, dentro dos limites impostos por normas definidas”. Portanto a liberdade não é fazer o que se quer na hora em que se quer, a liberdade está diretamente relacionada com os limites ( regras, normas, leis, etc. ) de determinada sociedade. Ser livre, portanto é sê-lo dentro das condições estabelecidas. É portanto uma liberdade relativa, uma vez que é a expressão de seus desejos na relação com outras pessoas, e sendo assim, a liberdade é restringida à sociedade. Outra definição de liberdade, dentro de uma visão filosófica seria a seguinte:

caráter ou condição de um ser que não está impedido de expressar, ou que efetivamente expressa, algum aspecto de sua essência ou natureza. [Quanto à liberdade humana, o problema consiste quer na determinação dos limites que sejam garantia do desenvolvimento das potencialidades dos homens no seu conjunto - as leis, a organização política, social e econômica, a moral, etc. - quer na definição das potencialidades que caracterizam a humanidade na sua essência, concebendo-se a liberdade como o efetivo exercício das suas potencialidades, as quais, concretamente, se manifestam pela capacidade que tem os homens de reconhecer, com amplitude sempre crescente, os condicionamentos, implicações e conseqüências das ações concretas em que se encontram, aumentando com esse reconhecimento o poder de conservá-las ou transformá-las em seu próprio benefício. ( AURÉLIO, p. 835 ).

Sendo assim a liberdade está diretamente ligada à realização das potencialidades humanas, tendo a possibilidade de reconhecer o meio em que esta inserido, compreendê-lo e poder modificar, caso haja necessidade, as condições estabelecidas. Então questão libertária ocorre da seguinte maneira: primeiro tem-se a consciência da existência de limites que impedem o pleno desenvolvimento, segundo, há a compreensão destes limites e, após esta compreensão pode-se criar formas de expandi-los ou conservá-los, de acordo com seus interesses.

Anteriormente foi denunciado um corpo alienado, um corpo desconectado de si, um corpo que deve ir em busca da plena realização de suas potencialidades, um corpo que deve

buscar a satisfação dos seus desejos. Mas por que que essa busca não se dá? O que impede as pessoas de ir atrás dessa realização? Muitos discursos têm se referido à libertação, à expressão, mas tais discursos estão muito distantes da prática. Uma das causas seria a própria alienação em que se encontram as pessoas. Estão com seus olhos vendados e apenas reproduzem as idéias. São oprimidas e opressoras ao mesmo tempo. “A relação opressor-oprimido, embora tendo origem na situação de dominação, é uma relação que perpassa as classes sociais. Ela existe também entre os membros de uma mesma classe. O oprimido quando ganha poder e não possui uma visão política que busque superar a sua alienação, tende também a ser um opressor. Neste sentido, somos todos opressores em potencial.” ( MEDINA, 1991, p. 85 ). E somo-lo pois estamos alienados e, enquanto estivermos assim não poderemos realizar uma mudança, seremos apenas agentes reprodutores da lógica existente, talvez criticando a situação mas sem mecanismos para alterá-la ou, quem sabe, deixando-nos vencer pela opressor.

Não tentes ser mais explorador que quem tenta explorar-te. Deita fora as tuas calças de fantasia e teu chapéu alto e não peças autorização para amares a tua mulher. (...) Deixa, pois, que teu filho cresça como a natureza ( ou Deus ) o gerou. Não tentes melhorar a natureza, mas antes entendê-la e protegê-la. Vais à biblioteca em vez de ires a assistir a espetáculos de competição. (...) E, acima de tudo, procurar pensar corretamente, ouve a tua voz interior e seu murmúrio brando. Tens a vida nas tuas mãos. Não a entregues a outrem e muito menos aos chefes que elegeres. Sê tu próprio. ( REICH, 1977, p. 65 ).

É importante colocar que, no caso do trabalhador que passa grande parte do seu tempo trabalhando para poder suprir suas necessidades básicas, é realmente difícil de se conscientizar, uma vez que suas preocupações são quanto a sua sobrevivência e, seus raros momentos de lazer são passivos ( atrelados à televisão ou ao rádio ou outro meio de informação ), o que contribui para a sua alienação. Como esperar que estes trabalhadores tomem consciência da situação em que se encontram? Como falar em mudança social, em luta de classes enquanto esses trabalhadores estão completamente desconectados de si mesmos?

Outro fato que impede que o discurso da liberdade não seja visualizado na prática é que, ao tentar praticar esse discurso, esbaramos nos nossos valores, de maneira inconsciente, uma vez que estamos condicionados a estes.

Apesar de nosso povo ter conquistado recentemente uma relativa democracia política e estar buscando uma autêntica democracia social, os nossos corpos, marcados ideologicamente, estão fortemente impregnados por um autoritarismo que ainda por muito tempo será reproduzido em nossa carne. Por outro lado, nas relações sociais de trabalho, a produção e o capital incham-se de tal forma, que ocupam todo o espaço onde os seres humanos poderiam se desenvolver. Só há lugar para o lucro de alguns e a alienação de todos. ( MEDINA, 1991, pp. 83-84 ).

A liberdade que devemos buscar, a de libertar nossos desejos e anseios sempre em busca do prazer, não deve desconsiderar o mundo e as outras pessoas uma vez que ela é condicionada pelo meio em que vive, pelas relações que se estabelecem uns com os outros e com o mundo, portanto a liberdade é relativa, ela é limitada ao meio social. MEDINA ( 1991, p. 86 ) diz que “para que uma pessoa se exprima enquanto corpo que realiza mais livremente seus desejos, é necessário que ela cresça não em sua individualidade absoluta, mas em suas relações com os outros e o mundo. O corpo humano não pode ser independente de suas relações. O corpo compreendido isoladamente da sociedade e da natureza é um corpo abstrato, distante da realidade concreta em que ele se faz, distante, enfim das suas circunstâncias.”. A expressão de corpo que devemos buscar não é uma expressão única e exclusivamente individual, mas também é uma expressão coletiva, “o corpo se apresenta como expressão de individualidade e ao mesmo tempo, de coletividade, no momento em que se relaciona com o outro, respeitando-o e sendo respeitado, em que consegue interferir na ordem social estabelecida; como espaço de liberdade e, principalmente, como possibilidade de expressão.” ( BRUEL, 1990, p. 14 ). MURARO, citada por MEDINA ( 1991, p. 87 ) diz que “minhas relações são sempre um processo de conquista; nunca sou um ser livre; meu processo é sempre um processo de feitura de mim mesmo a partir de libertações, em melhoria com as relações que estabeleço, porque meu critério saudável não está de mim para comigo, está na minha relação melhor para com os outros, o que me torna por dentro melhor.”. Então, a liberdade só é conquistada a partir das relações sociais, sem estas, a liberdade torna-se mera abstração.

É fato que impede que tal libertação seja alcançada por todos a participação de grandes instituições, pois parecem entender que a liberdade individual acarreta uma perda do poder e, para não serem menos poderosos negam-na ao mesmo tempo em que a defendem. “O político



e o chamado religioso falam sobre a liberdade - é um dos seus temas prediletos; mas põem muito cuidado em que *não* sejais livres - porque, no momento em que fordes livre, sereis uma ameaça à sociedade, à religião organizada, a todas as coisas malsãs existentes ao redor de vós.” ( KRISHNANURTI, 1960, p. 72 ).

Em toda e qualquer sociedade existem as pessoas que se destacam quer pela sua maneira de ser, pensar ou agir, escandalizando ou causando admiração nas demais pessoas. São pessoas que ou se enquadram no sistema ou que, ao contrário, desafiam-no, fogem dos padrões, do bom comportamento e costumes, sendo assim, destacam-se pela sua coragem e audácia, pois buscam fazer o que querem, ser o que querem, sem se importar com o certo ou errado imposto, uma vez que estabelecem de acordo consigo mesmo o certo e o errado. E são essas pessoas que desafiam a lógica existente que propõe uma nova visão de mundo, que causam mudanças comportamentais. A liberdade, tão almejada por todos, é conseguida pelos contestadores, pelos revolucionários, por aqueles que buscam uma superação das ordens estabelecidas, por aqueles que buscam a sua própria autonomia, que buscam a sua segurança em si próprios; uma vez que somos portos seguros, capazes de proporcionar-mos segurança.

(...) Constrói a tua casa sobre um rochedo. Rochedo que és tu próprio, a tua própria natureza distorcida, o amor físico dos teus filhos, a esperança amorosa da tua mulher, o que esperavas da vida aos dezesseis. Troca as tuas ilusões por um pouco de verdade. Manda os teus políticos e diplomatas dar uma volta. Esquece o teu vizinho e escuta a tua própria voz - o teu vizinho fica-te grato. Diz aos teus camaradas de trabalho que desejás trabalhar em nome da vida, não ao serviço da morte. Não corra para assistir às execuções dos teus carrascos e vítimas, *cria as leis que protegem a vida e os seus bens*. Leis essas que serão os pilares de rocha viva onde assentares a tua casa. Protege o amor das crianças dos ataques de adultos lascivos e frustados. (REICH, 1977, pp. 64-65).

Para que possamos alcançar a liberdade de expressar o que realmente somos é necessário que estejamos dispostos a correr riscos, uma vez que para alcançarmos tal objetivo é preciso que tomemos atitudes diferentes das quais fomos educados a ter. GAIARSA (1989, p.87) coloca que “... a maior parte de nossos desejos parece incompatível com a maior parte das normas sociais estabelecidas.”. E, no momento em que formos em busca da concretização desses desejos é preciso que as normas sociais não sejam obedecidas, visto que elas nos impedem de realizarmos nossos desejos. E este risco é fundamental para que vivamos bem.

Não devemos nos opor ao estabelecido mas sim buscar a superação do que impede o nosso desenvolvimento global e nos aliena e faz de nós seres que não reagem às injustiças sociais de maneira participativa.

Para ser livre e para tornar indivíduos livres faz-se necessário grande esforço, uma vez que temos que primeiramente nos conscientizar da opressão que sofremos para nos libertar dos valores impressos, dos signos tatuados em nosso corpo, ter coragem para arriscar nova forma de participação e atuação social e transmiti-la a outras pessoas.

### 3 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES:

No estudo realizado percebe-se que a sociedade capitalista se utiliza de vários meios para ter, exercer sobre as pessoas um controle, o qual é essencial para a vida deste tipo de sociedade. A família, a religião, a escola são instituições que reproduzem a ideologia dominante e o conseguem via valores. São instrumentos poderosíssimos de poder, pois estão intimamente enraizados nos indivíduos.

A sociedade busca o controle dos indivíduos para que ela possa exercer seu poder. Este controle se dá através das disciplinas, as quais correspondem à valores sociais. Valores esses que são ditados pelo grupo social dominante.

A própria concepção de homem, no mundo ocidental, é dualista, dando-se pouca importância ao corpo, e, quando a este é dada, é utilizando-o como fonte de produção e objeto de consumo, a fim de satisfazer a necessidade do sistema capitalista.

A educação física trata de um corpo que deve ser domesticado e corresponder aos padrões de movimento, pouco ou nada se trabalha com a criatividade desse corpo, assim como não se faz compreender todo o funcionamento do corpo e importância da atividade física, ao mesmo tempo em que pouco se permite que este corpo experimente as diferentes possibilidades de movimentar-se e expressar-se.

É imprescindível que eduquemos as pessoas para que estas sejam donas de si, que analisem e critiquem o que é culturalmente imposto, quer seja pelas suas famílias, religião ou escola. E, diante desta análise busquem a superação daquilo que concebem como sendo inviável para que possam regular sua vida e expressar-se de maneira criativa. Para que esta situação se viabilize faz-se necessário uma nova visão sobre o corpo, não somente uma visão como também e, principalmente, se tome uma nova atitude sobre o mesmo.

Para os profissionais de educação física faz-se necessário dizer que suas práticas devem estar alicerçadas no fato de que cada ser humano é um ser único que precisa descobrir-se a fim de que possa desenvolver suas habilidades, capacidades e potencialidades.

É importante ser dito que para mudar algo é preciso que nos mudemos, que coloquemos em prática aquilo que defendemos e buscamos enquanto educadores. Só dessa maneira poderemos então superar a lógica existente; pensando, analisando, criticando, buscando soluções e aplicando-as no nosso dia-a-dia.

Ao se buscar uma nova prática educacional não deve-se deixar de lado que todo e qualquer corpo está inserido em um universo social diferente dentro da mesma sociedade. O corpo recebe diferentes tratamentos e espera-se dele determinados comportamentos e anseios que diferem de classe para classe, de região para região. Entendendo a realidade e a condição do corpo brasileiro e, restringindo-a a uma determinada população pode-se estabelecer então os caminhos de ação que tornarão este corpo num corpo consciente, num corpo transcendente.

Acredito ser este estudo de grande importância, uma vez que vejo que muitas questões sociais e, principalmente, o fato de os indivíduos não saberem se situar como ser no mundo e com o mundo é decorrente da falta de um conhecimento corporal, do entendimento da chamada liberdade, tão procurada por todos. Penso que muitos dos problemas existentes hoje são consequência da secundarização do corpo, ou seja, da própria pessoa enquanto sujeito. Estudos como este deveriam estar muito mais presentes nos dias de hoje, embora desde muito tempo atrás diversas pessoas vêm alertando deste mal da humanidade ( esquecimento de si, supervalorização do material, miséria e discriminação humana ). Com base neste estudo realizado acredito que outros podem ser encamoados, assim como este estudo deve e será mais aprofundado e complementado, principalmente no que diz respeito às instituições sociais que, para esse primeiro momento só foram analisadas as instituições ideológicas, ou mais especificamente, a família e a escola. Num outro momento ou estudo é de grande valia que tais instituições sejam analisadas mais detalhadamente e que outras sejam também estudadas, como a igreja, a polícia, o exército, etc.

Entendo que estudos realizados sobre o corpo da maneira como foi tratado neste trabalho devem ser amplamente realizados e divulgados, não só para profissionais ligados à área da educação mas para toda a população em geral, pois sabe-se que a maior de todas as instituições, a mais forte e poderosa é a família e é nela que uma mudança de atitude deve iniciar, pois como coloca GAIARSA é até os 5 anos de vida que toda a estrutura da criança se estabelece.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRUEL, Maria Rita. Corpo em movimento: eixo norteador de uma proposta curricular **Revista Motrivivência**, UFSC, pp.11-15, jan. 1990.
- BRUHNS, H. T. ( org. ) **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papirus, 1985.
- CARDOSO, F.L. Noções de corporeidade : de quem e para quem ? **Revista Motrivivência**, UFSC, n.5, 6, 7, pp. 170-177, dez. 1994.
- CARLINI, Alda Luiza. A educação e a corporalidade do educando. **Revista do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC**, São Paulo, n.5, pp. 41-60, abr. 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FREIRE, Roberto & MATA, João da. **Soma : uma terapia anarquista**. Vol. 3 - Corpo a corpo: a síntese da soma. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1993.
- FERREIRA, A. B. De H. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GAIARSA, J.A. **O que é corpo**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- GONÇALVES, M.A.S. **Sentir, pensar, agir : corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.
- JOHNSON, Don. **Corpo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- KRISHNAMURTI, Jiddu. **O homem livre**. São Paulo: Cultrix, 1960.
- LOPES, Maria Isabel de Souza. Do corpo sem retoques. **Revista da Educação Física**, Universidade Estadual de Maringá, v.4, n.1, pp. 14-18, 1993.
- LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 1979.
- MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo - educação e política do corpo**. 3ª ed. São Paulo: Papirus, 1991.
- \_\_\_\_\_. Reflexões para uma política brasileira do corpo. **Fundamentos pedagógicos - Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico SA, 1987, pp. 55-61.
- REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé Ninguém**. 8ª ed. Lisboa: Martins Fontes Ed. Ltda., 1977.
- RODRIGUES, J.C. **Tabu do Corpo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- ROMERO, Elaine. **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papirus, 1995.

SILVA, J.B. Corpo ... Educação Física ... Conhecimento próprio ... **Revista da FESTUR**, Curitiba, n.2, pp. 5-6, 1991.

STEVES, J.O. **Tornar-se presente** : uma experiência de crescimento em Gestalt - terapia.